

## MEMORIAL, ESCRITA DE SI, TRAJETOS<sup>1</sup>

Icléia Thiesen<sup>2</sup>

“Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava”.

Walter Benjamin<sup>3</sup>

Produzir um memorial, conforme a epígrafe benjaminiana, passa por um trabalho de *escavação*, onde a memória como mecanismo de recuperar lembranças constitui uma ferramenta imprescindível. *Anamnese!* Espécie de autobiografia que descreve, analisa e critica acontecimentos sobre a trajetória acadêmico-profissional e intelectual, um memorial deve refletir sobretudo a experiência vivida por seu autor, sem a qual o processo de documentar as etapas de vida seria mera lista de feitos. Importante, sem dúvida, mas não suficiente.

A memória individual não prescinde de registros privados guardados e conservados em escaninhos próprios, nem de instrumentos públicos que assinalam a passagem do indivíduo por instituições, organizações, grupos e congêneres, “guardados” também em gavetas, arquivos, fichas, editoras, sites, etc. Traços do passado! Isso porque o tempo da memória nem sempre coincide com a cronologia. A memória, enquanto meio de reconstruir o passado e acessar informações, precisa de apoio em materiais concretos para que o fio de seu movimento coincida com os registros documentais e outros testemunhos, aproximando-se sempre que possível das histórias de vida<sup>4</sup>. Daí dizer-se que ela tem uma materialidade<sup>5</sup>. Para a melhor compreensão dessa narrativa procurei aliar minha experiência às condições do contexto em que ela se deu, sem o qual ficaria empobrecida.

---

<sup>1</sup> Trata-se de Memorial submetido à Comissão Especial constituída pelas Professoras Titulares Maria Nélide González de Gómez (IBICT/MCTI e UFF), Rosali Fernandez de Souza (IBICT/MCTI), Gilda Olinto (IBICT/MCTI) e Martha Tupinambá de Ulhôa (PPGM/CLA/UNIRIO), reunida em 24 de junho de 2015 para avaliação com vistas à promoção para a Carreira de Magistério Superior, para a Classe E de Professor Titular da Professora Icléia Thiesen, do Departamento de História da UNIRIO. Relato de experiência é uma modalidade narrativa que pode explicar os nexos entre o passado e o presente, no cruzamento de trajetórias individuais e institucionais. Uma escrita de si que ora vem a público a convite da Revista PBCIB.

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Professora Titular da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>3</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, 1).

<sup>4</sup> Nas primeiras décadas do século XX, Maurice Halbwachs observou que, “para evocar o próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade”, enfatizando ainda que a memória é uma construção coletiva e social. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. 2ª ed., p.72

<sup>5</sup> O Relatório docente relativo ao interstício 2012-2014 e o CV Lattes documentaram tais aspectos instruindo este Memorial.

Ao definir a estrutura deste Memorial, optei por enfatizar as atividades acadêmicas, uma vez que elas é que constituem o objeto principal de avaliação pela Comissão Especial, considerando-se a finalidade a que se destina – promoção para a carreira de professor titular do Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Entretanto, será preciso indicar também os elos com as atividades profissionais anteriores, desenvolvidas no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, onde nasceram questões, desafios e novos objetivos que vieram a ser realizados na Universidade.

Ao fazer uma espécie de balanço de minha carreira, uma “escrita de si”, mesmo correndo o risco de cometer alguns lapsos, cito nominalmente aqueles com quem fiz as principais parcerias, como uma espécie de homenagem por terem caminhado junto comigo em algum momento no decorrer de mais de quatro décadas. Incluo nesse ato de nomear, além de instituições, orientadores, professores - hoje colegas-, autores, chefias, alunos e orientandos, etc. Minha trajetória foi muito enriquecida pelo aprendizado que me proporcionaram e proporcionam. Não hesitarei, no entanto, em mostrar as pedras do caminho, sempre no intuito de tornar esse documento um reflexo da minha trajetória e a memória dessa caminhada que agora busco reconstruir.

Penso que mostrar os nexos do passado com o presente é uma forma de valorizar a memória, sobretudo porque produz efeitos no presente, numa espécie de encontro entre as diretrizes institucionais - no caso das universidades e outras instituições em que nos formamos e/ou trabalhamos - com nossas próprias inquietudes e escolhas. Isto porque somos uma espécie de peças nessas engrenagens que, simultaneamente nos impulsionam, mas são também construídas por nós. As instituições somos nós, mesmo que à primeira vista isto não seja tão evidente.

O presente Memorial se refere, portanto, a minha trajetória profissional no IBGE (1974-1998), mas sobretudo a acadêmica (desde 1997<sup>6</sup>), na UNIRIO. Inicia-se por meu processo de formação na 1ª graduação, no Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional (1970-1972), hoje funcionando na UNIRIO e no Curso de Biblioteconomia e Documentação, da Universidade Santa Úrsula (1978-1980), 2ª graduação. A etapa da pós-graduação, na modalidade lato senso, realizou-se através do Curso de Especialização em Documentação e Informação Científica (CDC), em 1987 (IBICT). A experiência vivenciada nesse Curso, aliada à vontade de prosseguir na pesquisa, suscitou a busca pela verticalização dos estudos na

---

<sup>6</sup> Mais adiante mencionarei os dois anos em que, iniciando o doutorado, fui professora convidada do antigo Mestrado em Administração de Centros Culturais (1994-1996), na transição para o que viria a sucedê-lo em 1996 – o Mestrado em Memória Social e Documento da UNIRIO, hoje PPGMS.

pós-graduação *stricto sensu*, inicialmente no Curso de Mestrado em Ciência da Informação (1989-1992) e, em seguida, no Curso de Doutorado em Ciência da Informação (1994-1997)<sup>7</sup>.

Por último, incluo aqui, no espírito da formação continuada que nos impulsiona para o novo e que só a pesquisa sistemática pode proporcionar, a realização do estágio sênior de pós-doutoramento na Université Paul Sabatier, Équipe MICS, Toulouse III, França (2007-2008), momento muito importante da minha trajetória, por ter me permitido dedicação total à pesquisa após 10 anos de conclusão do doutorado e de intensas atividades de ensino, pesquisa e administração. Certamente um marco na minha trajetória, pela abertura de caminhos semeados no âmbito do LERASS - Laboratoire d'Études et de Recherches en Sciences Sociales Appliquées, sob a direção da Profa. Viviane Couzinet, minha supervisora de pesquisa.

Seguirei a ordem cronológica sempre que necessário - caminho possível, mas não o único - especialmente para explicitar de que forma se deu meu processo de formação na educação superior, na graduação e na pós-graduação. Em termos de totalidade temporal, são 45 anos desde o início da 1ª formação, experiência profissional, ensino e pesquisa. Entretanto, em termos de carreira docente, o período mais relevante de minha trajetória inicia-se em 1997, quando ingressei por concurso na UNIRIO, até 2014, ano final do interstício (2012-2014) que me habilita à promoção para professor titular, conforme veremos a seguir.

Em 1970 ingressei, por vestibular, no Curso de Museus do MHN, senão por acaso, por contingências do caminho. Reprovada em duas tentativas anteriores nos processos seletivos do Curso de Psicologia (PUC/Rio) e do Curso de Comunicação (UFRJ), no CESGRANRIO, cujas provas eram estruturadas segundo o critério da múltipla escolha das respostas corretas, estava convencida de que jamais ingressaria numa universidade. Por insistência de meu pai - atento às minhas dificuldades àquela época - inscrevi-me no vestibular do Museu Histórico Nacional, que avaliava o desempenho dos candidatos através de questões dissertativas. Fui aprovada e bem classificada, deixando para trás antigos temores que ainda me assaltaram a memória por alguns anos.

Desconhecia o conteúdo exato da grade curricular do Curso, mas, aos poucos, identifiquei-me com um mundo novo voltado para as artes, a história e as ciências. Meu ingresso coincidiu com a entrada em vigor de um novo currículo, integrado por diversas disciplinas, entre as quais Arqueologia, Antropologia, História do Brasil, História da Arte,

---

<sup>7</sup> Os três últimos cursos foram realizados no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), à época em convênio firmado com a Escola de Comunicação da UFRJ.

Artes Menores, Geografia, entre outras de caráter mais técnico. No segundo ano do curso, o aluno escolhia o tipo de museu a que desejava se dedicar, especializando-se. Escolhi a habilitação em museus de arte<sup>8</sup>.

Estagiei no Museu da Imagem e do Som e no Museu da República, experiências novas e importantes para a minha formação, mas ao mesmo tempo impactantes. Pareciam lugares sem vida, sombrios, se comparados com outras instituições da mesma natureza, como o MASP (SP) e o MAM (RJ) que conheci na mesma ocasião. Retrato de uma época em que, em sua maioria, os museus ainda se assemelhavam aos velhos gabinetes de curiosidades. O quadro geral dos museus brasileiros mudou radicalmente nesse longo período, caminhando lentamente para sua transformação em instituições de pesquisa.

Estávamos em um período difícil, no auge da Ditadura militar. O MHN era dirigido por um militar e toda reivindicação do alunado era vista como subversão. Tendo participado do Diretório Acadêmico Gustavo Barroso, naquele período, não foram poucas as dificuldades vividas, mesmo sem nenhuma vinculação política. Há casos de prisões e torturas que alcançaram alunos e/ou familiares de alunos daquela instituição por parte dos órgãos repressores cujos desdobramentos só conheci recentemente, por força das minhas últimas pesquisas que me levaram à retomada de contato com antigos colegas. O silêncio era uma regra de ouro e o medo uma presença cotidiana!

No campo da Museologia, em termos profissionais, minha experiência, na década de 1970, se restringiu a um trabalho realizado no Arquivo Nacional, com a duração de três meses, em 1973, vale dizer, o diagnóstico, a análise e a catalogação de diversas telas a óleo de personagens históricos<sup>9</sup>. Iniciativa do Diretor Dr. Raul do Rego Lima, antigo Diretor do IBGE e membro do IHGB, que valorizava bastante o mundo da cultura, dos arquivos, bibliotecas e museus. Esses fatos somente se revelaram muitos anos depois quando eu já manuseava, como pesquisadora, fontes históricas nessa instituição sobre a qual passo a relatar.

No ano seguinte, em 16 de janeiro de 1974, ingressei no IBGE. Inicialmente iria exercer a função de museóloga no Museu da Geografia que acabou por ser extinto, no âmbito de um projeto de ampla reestruturação da instituição. Fiquei lotada no gabinete da

---

<sup>8</sup> Em 1973, um ano após ter colado grau, o Curso adotou o sistema de créditos e passou a integrar o sistema unificado de vestibular. Em 1974, o Curso passou a ter a duração de quatro anos e foram eliminadas as habilitações. Em 1977, o Curso foi incorporado à Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro - FEFIERJ, mas ainda funcionando nas instalações do MHN. Em 1979, por força do Decreto-lei nº 66.655, a FEFIERJ passou a denominar-se Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO). Em agosto deste ano, o Curso foi transferido do MHN para o antigo prédio do Centro de Ciências Humanas (CCH), no bairro da Urca.

<sup>9</sup> O trabalho foi realizado com outra museóloga, Haydéa Gomes Pereira, minha contemporânea no MHN, funcionária hoje aposentada dos Correios e residente em Brasília há mais de 30 anos.

Procuradoria Geral durante 12 anos, como Secretária. Cumpria as mais diversas funções, desde organização dos arquivos, fichários, registros de entrada e saída de processos, ementários, etc., além da datilografia de pareceres, petições, recursos e encaminhamentos. Enorme experiência de vida, pois ali aprendi o funcionamento das instituições, o exercício da disciplina, das regras, mas também dos aspectos contraditórios da justiça.

Havia uma biblioteca de direito naquela unidade e, sem possibilidade de trabalhar no Museu que recém acabara, reingressei na Universidade Santa Úrsula, em 1978, no Curso de Biblioteconomia e Documentação. Já casada, desde 1971, e agora com um filho de dois anos, cursei Biblioteconomia à noite, após oito horas de trabalho e, nos dois primeiros anos, tinha também aulas aos sábados. Colei grau em janeiro de 1981, dias após o nascimento de minha segunda filha<sup>10</sup>.

Havia estagiado na Biblioteca Central do IBGE um ano antes, o que representou, seis anos depois, em 1986, a grande e esperada oportunidade de sair do desvio de função. Por ocasião dos preparativos para o Cinquentenário do IBGE, fui requisitada para trabalhar na Biblioteca Central pela Profa. Maria Beatriz Pontes de Carvalho, que chefiava aquela unidade. Eu era a única museóloga na instituição àquela época. O Projeto Memória do IBGE foi instalado num momento de grandes renovações no contexto institucional e nacional. Era a Nova República! E para mim, novas perspectivas de trabalho que me facultaram a oportunidade de juntar o aprendizado das duas formações – Museologia e Biblioteconomia -, uma vez que o Projeto ficou sediado, desde seu início, na Biblioteca Central. Mas, o melhor estava por vir. Após minha transferência para a Biblioteca, integrei a equipe encarregada de organizar uma exposição comemorativa de meio século de existência da instituição, além de ter entrado para a carreira de bibliotecária no ano seguinte.

A chegada ao tema da memória institucional se deve muito a este evento, um “lugar de memória” na concepção de Pierre Nora. Momento histórico, certamente, reflexo do processo de redemocratização em curso, numa gestão que marcou época, sob a direção do Prof. Edmar Bacha, um dos pais do Plano Cruzado que tinha também em sua equipe a Profa. Susana Pinheiro Machado Mueller - pesquisadora conhecida no campo da Ciência da

---

<sup>10</sup> Devo muitos agradecimentos aos meus chefes e amigos que, além de terem me ensinado o abecedário da Procuradoria e do IBGE - instituição com unidades em todo o território nacional - me apoiaram quando precisei me licenciar nas duas últimas gestões ambas de risco, em 1980 e 1982, felizmente bem sucedidas. São eles os advogados Dr. Mário Belfort Galvão, Dr. Paulo Augusto Alves, Dra. Lourdes Gonçalves Rabello, Dr. José Nascimento Araújo Filho, Dr. Oscar Fonseca, Dr. Milton Mendes Gonçalves, Dr. Edison Catete Reis. Aos dois últimos devo também minha entrada no quadro geral de pessoal como Assistente Técnico-Administrativo, em 1975, pois até então desempenhava apenas a função gratificada de Secretária.

Informação – Diretora do Centro de Documentação e Disseminação da Informação, ao qual a Biblioteca Central estava subordinada. A Nova República provocou um clima de euforia na instituição, festejada em ações, políticas, eventos, gestões. Momento de mudança que transparecia nas reuniões e discussões sobre “O IBGE que nós queremos”. Marcava-se, assim, um novo tempo, mas também um espaço que se transformava nos debates e certamente nos conflitos que surgiam.

Ingressei numa das subcomissões criadas com a finalidade de promover as comemorações das atividades desenvolvidas pelo IBGE, com o papel de participar da organização da Exposição que veio a ocorrer no mezanino do Palácio Gustavo Capanema, tradicional prédio onde outrora funcionou o MEC, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Cuidei da parte museográfica, mas também das pesquisas que antecederam a etapa de dar visibilidade aos projetos desenvolvidos durante 50 anos pelas diversas áreas do conhecimento que integram essa instituição, ou seja, além da Geografia e da Estatística, a Geodésia, Cartografia, Economia, Demografia, Meio Ambiente, entre outras.

Durante os trabalhos realizados com vistas ao Cinquentenário surgiram muitas questões e ensinamentos. Um deles diz respeito às dificuldades de identificar e recolher o que posteriormente entendi serem os materiais da memória coletiva e da história, no sentido de Jacques Le Goff, pois aparentemente não se tinha quase nada em mãos além dos documentos na sua forma mais tradicional e, ainda assim, bastante dispersos. À medida que a divulgação dos trabalhos se acelerava, especialmente após a criação de uma revista intitulada *Nova Imagem*, que chegava a todos, funcionários e ex-funcionários mobilizados e orgulhosos da instituição onde trabalhavam e trabalharam, foram descobrindo fotografias de eventos dos quais participaram, arquivos, assim como objetos perdidos nos cantos das unidades que se espalhavam por todo o Brasil, documentos relevantes, certamente. Na realidade, muitos haviam guardado materiais em suas casas, temerosos de que um dia se perdessem, prática bastante comum no universo das instituições. Saber que a memória do IBGE tinha agora existência real, que havia interesse institucional, impulsionou doações, informações, interesse em colaborar com depoimentos, para que nada disso se perdesse. Os funcionários se mobilizaram também para a criação de uma nova forma de associação, não mais voltada apenas para atividades recreativas, mas para uma política efetivamente representativa. Uma chapa com propostas concretas e inovadoras venceu as eleições. Chamou-se *Revirada*. Tudo parecia novo naquele momento de comemorações.

Contudo, durante os trabalhos surgiram questões e impasses vividos pela equipe em suas inúmeras e infindáveis reuniões<sup>11</sup>. Uma pergunta se repetia sistematicamente: isso é memória? O que é memória? Por que incluir tal objeto na exposição? Não seria melhor outro? Vamos entrevistar A, por que não B? Que eventos passados devem ser evidenciados? Enfim, um dos aspectos mais característicos dos estudos da memória começava a se esboçar para mim - sua seletividade - ao mesmo tempo em que suscitava a busca do conhecimento sobre o que é memória, mais especificamente a *memória institucional*.

A Exposição Comemorativa dos 50 anos do IBGE foi um sucesso. Findos os trabalhos, todos voltaram para as suas unidades e funções de origem, menos eu. Agora tínhamos que organizar esses materiais da memória recolhidos durante o Cinquentenário sob o encargo da Biblioteca Central, onde eu acabara de chegar e onde permaneci durante mais 12 anos.

Encarreguei-me da organização do *acervo especial* identificado e recolhido durante os trabalhos da Exposição, especialmente grande volume de fotografias que retratam os acontecimentos ocorridos na instituição. Elaborei, nessa época, uma extensa cronologia de atos legais e marcos relevantes do IBGE, em dois volumes. Participei também da organização e editoração de algumas publicações, numa série criada, sob a influência dos meus estudos, com o título de Memória Institucional<sup>12</sup>. Em 1990 o Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI/IBGE, agora sob a chefia do Prof. Nelson Senra, criou o Setor de Memória Institucional, até hoje em atividade<sup>13</sup>. Tratava-se, na realidade, da institucionalização das atividades iniciadas nos festejos do Cinquentenário e nos desdobramentos seguintes. Tínhamos, portanto, acervos, projeto, equipe, sala e uma revista.

Instigada pelos questionamentos nascidos durante os trabalhos do Cinquentenário, por sugestão de Maria Beatriz Pontes de Carvalho, fui em busca desse conhecimento sobre o fenômeno da memória no ano seguinte, em 1987, no Curso de Especialização em Informação e Documentação Científica (CDC) do IBICT, onde começaram minhas pesquisas. No âmbito

---

<sup>11</sup> Dessa experiência destaco alguns nomes de colegas com os quais tive grandes debates: Maria das Graças de Oliveira Nascimento, mentora intelectual do projeto, Maria Beatriz Pontes de Carvalho, Regina de Almeida Sá, Maria de Nazareth Furtado Gomes, Laurinda Rosa Maciel.

<sup>12</sup> Fui responsável por essa série até 1998, quando me aposentei. Foram publicados diversos números no período. Na qualidade de editora da série, identificava obras importantes e não publicadas, assim como autores potenciais que eram convidados a elaborar textos de cunho histórico e memorialístico que se traduzissem em contribuições para a Memória Institucional. Foram publicados, ainda, números especiais de e sobre Mário Augusto Teixeira de Freitas, considerado Pai fundador do IBGE, bastante homenageado antes, durante e depois do evento.

<sup>13</sup> Chefie o referido Setor durante alguns anos, tendo realizado diversos eventos, como *Hora da Memória*, especialmente quando do lançamento de livros da série Memória Institucional, gravados em imagem e som. Hoje o setor é denominado de Equipe de Memória Institucional.

dos estudos da memória institucional, tema dos trabalhos desenvolvidos no CDC, e posteriormente no Mestrado e no Doutorado (dissertação e tese), fui levada a problematizar a questão informacional, a memória que lhe dá cimento e âncora, assim como as relações indissociáveis que estabelecem com a história. Informação, memória e história! Um tripé conceitual que me acompanha até hoje como permanente desafio.

Onde só se falava de informação, busquei introduzir o tema da memória, em muitas negociações, e tive acolhimento de todos os professores das oito disciplinas cursadas. Os trabalhos finais das disciplinas que cursei versavam sempre sobre a memória do IBGE: projeto de história oral, na disciplina de Heloisa Tardin Christóvão, até hoje em curso no IBGE; política de seleção do acervo da memória do IBGE, com Gilda Braga, entre outros trabalhos. As fronteiras entre a informação, a memória e a história começavam a aparecer com muita dificuldade. Novo para mim e também para a área. A experiência do CDC marcou definitivamente minha vida, ensinando-me que havia um novo mundo a conhecer - o da pesquisa e do ensino. Segui o caminho do primeiro e nele descobri o segundo.

Ingressei no Mestrado em Ciência da Informação em 1989, dois anos depois, com um tema claramente amadurecido na cabeça: memória institucional do IBGE. A escolha do tema já estava latente e resolvi fazer um estudo de caso, estudando a memória a partir da literatura, das visões de funcionários e ex-funcionários do IBGE, assim como de instituições que tinham como missão institucional a própria memória, como o CPDOC, o Arquivo Nacional, entre outras. Tratou-se de um estudo exploratório-metodológico, com o objetivo compreender o que vinha a ser a memória que se configurara no IBGE. O que ela tem de singular e de comum com outras instituições criadas na Era Vargas?

Apesar de todos os percalços, considerando a novidade do tema, foi possível delinear as diferentes visões que vinham desses segmentos. A principal dificuldade foi a chegada intempestiva do Regime Jurídico Único que mandou para casa, da noite para o dia, muitos funcionários que já tinham 70 anos, alguns dos quais verdadeiros guardiões da memória do IBGE e em plena atividade. O impacto na coleta foi grande. Como entrevistar pessoas valorizadas por sua contribuição para a memória do IBGE, que acabavam de ser aposentadas compulsoriamente? Difícil explicar aos potenciais entrevistados que o novo regime vinha da Presidência da República e não da instituição IBGE que nada poderia fazer em contrário. As dificuldades foram sendo contornadas paulatinamente.

Minha primeira publicação data dessa época. Debruçada sobre a literatura que aborda o tema da memória, por força da elaboração do quadro teórico da dissertação em curso



e ainda para atender uma demanda interna do IBGE por um texto que levantasse questões sobre o tema, produzi um pequeno livro publicado na série “Documentos para Disseminação”<sup>14</sup>, com boa aceitação dentro e fora do IBGE. De fato havia uma lacuna na literatura sobre o assunto.

As leituras realizadas no CDC foram primordiais para a reunião de conceitos em torno da memória, do espaço e da política. O livro de Ecléa Bosi<sup>15</sup> foi o divisor de águas que me remeteu a Maurice Halbwachs (memória coletiva) e Henry Bergson (memória e duração), assim como a Simone de Beauvoir (velhice na sociedade industrial), entre outros. Doravante não poderia mais ignorar um outro lado da memória institucional que se distanciava das primeiras impressões mais voltadas para a memória mítica, celebrativa, permeada por sentimentos afetivos e saudosistas. Seria preciso ir além e buscar os mecanismos que movimentam a Memória Institucional para além do universo subjetivo, buscando aproximação com as políticas que determinam a seletividade da memória, fenômeno inescapável ao pesquisador.

Apresentada a dissertação orientada pela Profa. Heloisa Tardin Christóvão<sup>16</sup> permaneceu a frustração por não ter podido ir além de um estudo exploratório que, embora importante para a minha compreensão da instituição na qual trabalhava, precisava ser verticalizado e ampliado para uma problematização mais madura. O que acontece com um tema quando retiramos o campo empírico e ficamos com o conceito? Fui buscar essa resposta.

Então ingressei no doutorado em Ciência da Informação do IBICT, em 1994, disposta a investigar a possibilidade de definir o conceito de Memória Institucional, sem qualquer âncora mais específica no horizonte, mas ao mesmo tempo com a experiência empírica trazida pela dissertação. Nesse momento inicial do doutorado recebi um convite da Profa. Lena Vania Ribeiro Pinheiro, do IBICT, para ministrar uma disciplina sobre cultura, em seu lugar, no antigo Mestrado em Administração de Centros Culturais, da UNIRIO. Entre surpresa e temerosa, aceitei o desafio. Convidei a Profa. Maria Cristina Soares Guimarães, colega de turma do doutorado, para dividir comigo as novas tarefas. A docência começava, assim, diretamente na pós-graduação e constituiu uma experiência bastante interessante para a associação com a pesquisa.

---

<sup>14</sup> THIESEN, Icléia. **Memória institucional do IBGE**: em busca de um referencial teórico. Prefácio de Lena Vania Ribeiro Pinheiro. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.

<sup>15</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983. 402p.

<sup>16</sup> THIESEN, Icléia. **Memória Institucional do IBGE: um estudo exploratório-metodológico**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO; CNPq/IBICT, 1992. Dissertação (Ciência da Informação).

Permaneci na UNIRIO como professora convidada, dando novamente a disciplina, em 1995, agora sozinha, para os alunos remanescentes do citado Curso<sup>17</sup>. Nesse período fui convidada pela Profa. Maria José Wehling a participar do projeto que teria seu começo no ano seguinte, inaugurado juntamente com o início do Mestrado em Memória Social e Documento do qual ela foi a primeira Coordenadora. Integrei, desde o início, a equipe coordenada pela Profa. aposentada da USP Sonia Siqueira, recém concursada na UNIRIO, que contou também com o apoio do Prof. da USP, José Carlos Sebe Bom Meihy, especialista em História oral. Começamos assim o projeto de longo prazo que se denominou *Memória e História de Bairros do Rio de Janeiro*, abordando de início o bairro da Urca. Participei intensamente da pesquisa integrada também por vários colegas da UNIRIO<sup>18</sup>, da realização de entrevistas de História oral, à transcrição, revisão, termos de cessão e publicação de livro<sup>19</sup>. Foram ainda publicados mais dois volumes<sup>20</sup>, um de imagens realizado pelo geógrafo Prof. Roberto Schmidt de Almeida e outro de análise das entrevistas, de autoria dos profs. Sonia Siqueira e José Carlos Sebe Bom Meihy, com a participação de toda a equipe. Os três volumes foram lançados na X<sup>th</sup> International Oral History Conference *Oral History challenges for the 21st. century*, realizada no CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, em 1998.

Com o doutorado em curso, nesse período, publiquei meus dois primeiros artigos na revista *Informare-Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, do IBICT, coordenada pela Profa. Regina Marteleto, ambos sobre o tema da Memória institucional<sup>21</sup>. Participei, ainda, do I Encontro de Pesquisa da Pós-Graduação em Ciência da Informação (1995) e do Colóquio Organização do Conhecimento e Representação da Informação: enfoques e perspectivas (1996), ambos organizados pelo IBICT. Em 1995 apresentei trabalho sobre o tema no II Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ENANCIB), realizado pela ANCIB, ocorrido em Valinhos. Daí por diante estive presente em quase todos os demais encontros realizados pela ANCIB,

---

<sup>17</sup> Em 1995 já não houve ingresso de alunos nesse Curso. O projeto de criação do Mestrado em Memória Social que o sucedeu havia sido submetido à avaliação da Capes. Foi recomendado e teve início em 1996.

<sup>18</sup> Participaram da equipe os profs.: Antônio Carlos Nunes Batista, Avelina Addor, Liana Ocampo, Maria José Wehling, Maria Teresa Fontoura, William Gonçalves Soares (geógrafo posteriormente substituído pelo Prof. Roberto Schmidt de Almeida) e Sergio Murilo Dias Zarro, pesquisador de arquivo.

<sup>19</sup> THIESEN, Icléia (org.). **Fragmentos discursivos de bairros do Rio de Janeiro: Urca – Entrevistas**. Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1998. 599p.

<sup>20</sup> BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Fragmentos discursivos de bairros do Rio de Janeiro: Urca – História oral**. Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1998. 207p.; ALMEIDA, Roberto Schmidt de. **Fragmentos discursivos de bairros do Rio de Janeiro: Urca – Mapas e fotos**. Rio de Janeiro: UNI-RIO, 1998. 57p.

<sup>21</sup> THIESEN, Icléia. Memória institucional: um conceito em definição. *Informare*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, jul./dez.1995, p.45-51; THIESEN, Icléia. Memória institucional e representação: do mundo das formas (árvore) ao universo do pensamento (rizoma). *Informare*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, jul./dez. 1996, p.67-72.

principal fórum de discussão das pesquisas realizadas no campo da Ciência da Informação. Em 2005 e 2010 recebi o prêmio de “melhores trabalhos” do Grupo de Trabalho *Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação*, da ANCIB, sob a coordenação das Profas. Maria Nélide González de Gómez e Lena Vania Ribeiro Pinheiro, respectivamente<sup>22</sup>. Nesse mesmo ENANCIB fui eleita coordenadora do GT1 para o biênio 2011-2012, reconduzida na coordenação em 2013-2014.

Importante ressaltar que, ainda durante a realização da dissertação, frequentei grupo de estudos de filosofia coordenado pelo Prof. Alterives Maciel, e estudei o tema da memória na história em seus diversos atributos: individual, coletiva, social, oficial, nacional, para me aproximar do que seria a Memória Institucional. Data dessa época meus primeiros contatos com a obra de Gilles Deleuze, Felix Guattari, Alain Badiou, Spinoza, entre outros.

A literatura de apoio da pesquisa-tese passou por muitos autores, mas sobretudo por Michel Foucault. Embora não se possa afirmar, sem controvérsias, que ele formulou uma teoria das instituições, é possível, através de seus escritos, tentar encontrar o fio que nos leva a ela. Ao estudar a arqueologia e a genealogia, as disciplinas, a ordem do discurso, as instituições disciplinares, muito pode ser recolhido em recortes de pesquisa que nós mesmos devemos fazer. Entretanto, o maior aprendizado foi a ideia da “institucionalização” para além da “instituição” pronta e acabada. Verificar o que tornou possível a criação de uma instituição, com enfoque no processo e não apenas no produto foi o maior desafio teórico-metodológico e também o maior aprendizado. O trajeto foi possível graças à orientação da Profa. Maria Nélide González de Gómez e do Prof. Hilton Ferreira Japiassu, falecido recentemente. Ambos permitiram que eu “viajasse” por muitos caminhos, sem contudo perder de vista a terra firme!

Aliado ao quadro de referência de teóricos como Michel Foucault, Deleuze, Guattari, Castoriades, Latour e muitos outros, estabeleci um diálogo com os autores do campo da Ciência da Informação que, naquele momento, estudavam aspectos institucionais da Ciência da Informação, entre os quais Maria Nélide Gonzalez de Gómez, Belkin e Robertson; Wellish; Mikailov, Chernyi e Giliarskii; Saracevic, etc.

---

<sup>22</sup> As premiações, além de prestígio, se traduzem em publicação do trabalho em revistas da área no ano subsequente. Assim, foram publicados os textos ganhadores em Encontros Bibli (2006) e LIINC em Revista (2011): THIESEN, Icléia. Informação, memória e história: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. **Encontros Bibli**, v.11, p. 15-26, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11nesp1p15/383> THIESEN, Icléia. “Inteligência informacional” e Ciência da Informação: um esboço de trajeto. **Liinc em Revista**, v.7, n.1, p.3-13, 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/400/260>

Em 1997 o Departamento de História da UNIRIO lançou um Edital de concurso para Professor, com o tema/área “Informação, Memória e Instituição”. Achei que poderia ser a hora de mudar de vida e dedicar-me à carreira universitária. Aprovada no concurso, tomei posse em 05 de junho de 1997 e, em 16 de dezembro defendi minha tese<sup>23</sup>. No ano seguinte, em 1998<sup>24</sup>, iniciei oficialmente a docência no PPGMS, então Mestrado em Memória Social e Documento, com a disciplina obrigatória *Documento e Instituição*.

Minhas primeiras orientações foram iniciadas antes do meu ingresso por concurso, na qualidade de professora convidada, intensificando-se a partir de 1998, mas sobretudo quando do convênio da UNIRIO com a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, campus de Jequié, que ofereceu o Mestrado Interinstitucional em Memória Social e Documento, Programa ao qual me vinculei em 1998 como professora e pesquisadora. As aulas eram ministradas nessa cidade, em dois momentos diferentes, de forma concentrada e, nessas oportunidades, os alunos eram orientados pelos respectivos professores/orientadores. Em paralelo, os mestrandos participavam de seminários na UNIRIO, onde também se realizaram as qualificações e as defesas. Orientei cinco dissertações sobre temas locais e ofereci a disciplina *Documento e Instituição*. Toda a turma de 20 alunos concluiu o Mestrado e se titulou, por um esforço coletivo considerável.

Em 1998 tive meu primeiro projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq, que teve a duração de dois anos, na perspectiva de ampliar os estudos sobre Memória Institucional. O avanço das discussões me permitiu buscar a renovação em novo projeto, direcionado para a formulação de metodologias compatíveis com o quadro referencial teórico já consolidado. Apesar do novo projeto não ter sido apoiado, sob a alegação de que não tinha identidade com a área, os estudos sobre o tema foram sistematicamente desenvolvidos, sobretudo no universo das prisões, lócus institucional do *panoptismo* na linha de investigação de Michel Foucault, cujos resultados foram publicados em diversos periódicos e anais de eventos científicos, nacionais e internacionais<sup>25</sup>. Importante destacar que a experiência prisional da Casa de Correção da Corte, no Rio de Janeiro, no século XIX, segundo as linhas desenhadas pelo filósofo e jurista Jeremy Bentham, se comprovou e foi objeto de interesse da *Revue d'Études*

---

<sup>23</sup> THIESEN, Icléia. **Memória Institucional**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO-CNPq/IBICT, 1997. Tese (Ciência da Informação).

<sup>24</sup> Em maio de 1998, como professora 20 horas do Departamento de História, aposentei-me proporcionalmente no IBGE e pedi dedicação exclusiva à UNIRIO.

<sup>25</sup> No âmbito do projeto “Imagens da clausura: informação, memória e espaço prisional no Rio de Janeiro”, de 2003 a 2011, além de diversos artigos e textos completos publicados, orientei sete dissertações e treze monografias.

*Benthamiennes*<sup>26</sup>, na qual publiquei o artigo *Jeremy Bentham et la réforme des prisons au Brésil: l'expérience de la Maison de Correction de la Cour*, em 2010.

Nesse mesmo ano de 1998, participei, pela primeira vez, de evento acadêmico internacional, ocorrido em Halle, Wittenberg, na Alemanha, promovido pelo Consejo Europeo de Investigación Social de América Latina (CEISAL), na Martin-Luther-Universität, com o trabalho *Memória institucional: da árvore ao rizoma*, publicado em 2000, no âmbito do II Congresso Europeu de Latinoamericanistas “América Latina: cruce de culturas y sociedades. La dimensión histórica y la globalización futura”. O simpósio foi coordenado pelo Prof. Arno Wehling, do Departamento de História da UNIRIO.

Participei também, em 1998, do II Seminário de Estudos da Informação da UFF e I Seminário da ANCIB/Região Sudeste, realizado na Universidade Federal Fluminense, onde apresentei o trabalho *O Estado e a informação: Perseu e Medusa*, oportunidade em que pude discutir resultados de minha tese e da pesquisa apoiada pelo CNPq, em mesa coordenada pela Profa. Maria Nélide González de Gómez.

Em 1999, participei do XII Congresso Internacional da Associação de Historiadores Latino-americanos Europeus – AHILA, onde apresentei o trabalho intitulado *Estado, identidade e poder na era da Globalização*, realizado na cidade do Porto, Portugal. O simpósio foi coordenado pelo Prof. Arno Wehling, do Departamento de História da UNIRIO.

Se os estudos da memória e do tempo são fundamentais para nossa compreensão da memória, logo me deparei com a relevância do espaço para a ancoragem da memória. E, no então Mestrado em Memória Social e Documento – hoje PPGMS, criei a linha de pesquisa Memória e Espaço, que dirigi durante 10 anos (1998-2008)<sup>27</sup>. O projeto *Memória e História de Bairros do Rio de Janeiro*<sup>28</sup> estudou primeiramente a Urca, conforme anteriormente assinalado, bairro onde nasceu a cidade do Rio de Janeiro; posteriormente a área portuária (Saúde, Gamboa e Santo Cristo)<sup>29</sup>, para onde a cidade se estendeu, caracterizando-se como local de moradia e trabalho desde as suas origens e, por último, o bairro de Santa Teresa.

---

<sup>26</sup> A referida revista integra a Revues.org, plataforma de revistas em Ciências humanas e sociais, de acesso aberto e disponível em texto integral. THIESEN, Icléia. *Jeremy Bentham et la réforme des prisons au Brésil : l'expérience de la Maison de Correction de la Cour*. *Revue d'Etudes Benthamiennes*, v.6, p.79-92, 2010. Disponível em: <http://etudes-benthamiennes.revues.org/76>

<sup>27</sup> As linhas de pesquisa do Mestrado foram reformuladas por recomendação da CAPES em visita de avaliação realizada naquele ano. Coordeno, ainda, o Grupo de Pesquisa Memória e Espaço, no Sistema Grupo do CNPq, desde 1996. A vice-coordenação está a cargo do Prof. Marco Aurélio Santana, desde 2000.

<sup>28</sup> A partir de 1999, com a aposentadoria da Profa. Sonia Siqueira, passei a coordenar o projeto *Memória e História de Bairros do Rio de Janeiro*, dentro do espírito da linha de pesquisa Memória e Espaço.

<sup>29</sup> No decorrer desse projeto que abordou a área portuária do Rio de Janeiro, houve alterações na equipe. Em 2000 foram incluídos pesquisadores na equipe, como a mestranda e hoje Profa. Dra. Maria Manuela Alves Maia e a Profa. Dra. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, da UERJ.

Todos os projetos foram finalizados com publicações<sup>30</sup>. É importante ressaltar que cada um desses bairros, embora sob a orientação da linha Memória e Espaço, constitui de per si um projeto próprio, uma vez que tiveram ocupações diversas, problemáticas singulares e, portanto, mereceram abordagens diversas.

Em 1999 tiveram início minhas atividades administrativas, primeiramente como Diretora da Escola de Biblioteconomia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais (1999-2000). Em sintonia com o Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos - sob a chefia do Prof. Marcos Luiz Cavalcanti Miranda - demos início a uma reforma curricular e incentivamos, sempre que possível, a inserção do corpo docente no universo da pesquisa, seja na definição de linhas de pesquisa às quais os projetos estariam associados, seja no incentivo à busca pela qualificação na pós-graduação.

Ministrei a disciplina Metodologia da Pesquisa no Curso de Especialização em Organização do Conhecimento para a Recuperação da Informação (OCRI)<sup>31</sup>, coordenado pelo Prof. Marcos Luiz Cavalcanti Miranda, em diversas oportunidades, tendo também orientado cinco monografias de final de curso. O tema da Organização do Conhecimento tem sido frequentemente desenvolvido em minhas pesquisas, por sua pertinência com uma vertente da Memória Institucional, ligada à produção e representação de saberes e de informações. Integro o Grupo de Pesquisa (Sistema Grupo do CNPq) coordenado pelo referido professor no âmbito do qual publicamos alguns trabalhos em co-autoria<sup>32</sup>.

Minha experiência docente na graduação iniciou-se em 2001, no recém criado Curso de História. Uma de suas linhas curriculares – Memória Social e Documento (hoje Memória Social e Patrimônio) – prevê disciplinas que estiveram sob meu encargo nos primeiros anos,

---

<sup>30</sup> THIESEN, Icléia; BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti; SANTANA, Marco Aurélio (orgs.). **Vozes do Porto: memória e história oral**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 212p. ; THIESEN, Icléia (org.). **Santa Teresa: memória e história oral – entrevistas**. Rio de Janeiro: Ponto de Cultura Memórias de Santa, 2009. 434p. Este último foi fruto de um convênio de cooperação técnica da UNIRIO com a ONG Viva Santa, cujo principal objetivo é realizar um projeto de História oral com a comunidade do bairro. Foram realizadas e publicadas quarenta e oito entrevistas, precedida por uma Oficina que congregou diversos segmentos do bairro.

<sup>31</sup> Este Curso deixou de ser oferecido em 2002, momento em que já começava a se esboçar a ideia de um mestrado profissional em Biblioteconomia, que será efetivamente recomendado pela CAPES em 2011, com início em 2012. A linha de pesquisa *Organização do Conhecimento* é herdeira desse Curso de Especialização.

<sup>32</sup> THIESEN, Icléia; [MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de](#). Jeremy Bentham, o utilitarismo e a classificação do conhecimento: elementos históricos para os estudos da Ciência da Informação. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1-16, 2010;

[MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de](#); THIESEN, Icléia. Identificação de princípios utilitaristas de Jeremy Bentham na construção de sistemas de organização do conhecimento: análise da Library of Congress Classification e da Library of Congress Subject Headings. In: XV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB, 2014, Belo Horizonte. **Anais** [recurso eletrônico] / XV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: além das nuvens, expandindo as fronteiras da Ciência da Informação. Belo Horizonte: ECI - UFMG, 2014. v. XV. p. 1-19.

quando o corpo docente do Curso era reduzido, entre elas as disciplinas teóricas Memória, Cultura e Sociedade; História e Documento (à época denominava-se Introdução à Documentação), ambas obrigatórias e com carga horária de 60 horas; Seminário de Pesquisa em Cultura Histórica e Documento e Seminário de Pesquisa em História Oral, ambos de 135 horas. Ministrei essas disciplinas inúmeras vezes, e ainda ministro, em função de minha formação. É frequente a presença de alunos dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia nesses cursos.

Os Seminários de Pesquisa inicialmente pressupunham número reduzido de alunos, na perspectiva de introduzi-los no processo de iniciação científica, tendo como ponto de partida a definição de um projeto de pesquisa e como finalização do curso a elaboração de um artigo. Com o passar do tempo, as turmas aumentaram de tamanho e a dinâmica dos seminários foi direcionada para trabalhos em equipe. Em alguns casos, candidatos à bolsa de iniciação científica surgiram nesses seminários e contribuíram para a inserção posterior dos alunos na pós-graduação, após a defesa de monografia, inicialmente obrigatória e atualmente opcional, podendo ser avaliada por pareceristas. Esse era de fato o objetivo original do projeto do Curso que hoje exige dos alunos a realização de três seminários, com diferentes professores. A vivência em sala de aula na graduação tem sido imprescindível para o debate de ideias, considerando que é nesse espaço que testamos a clareza e a pertinência do conteúdo dado. Ao longo dos anos orientei 33 monografias de graduação, das quais 26 em História e 7 em Biblioteconomia.

Outra experiência desafiadora foi a coordenação do Mestrado em Memória Social e Documento (2001-2002), em um momento de definição da identidade do Curso, por recomendação da CAPES. Após análise dos itens de avaliação e dos Relatórios de anos anteriores, identificamos distorções que precisavam ser enfrentadas coletivamente. Apesar dos conflitos inevitáveis, os resultados positivos vieram na avaliação seguinte, em que a Capes reconhecia a natureza interdisciplinar do Curso. Dois anos depois o projeto de doutorado em Memória Social foi submetido à avaliação – sua nova denominação - e, após recurso fundamentado explicitando os itens questionados, foi recomendado, tendo iniciado em 2005 o processo seletivo com cinco ingressantes.

No início dos anos 2000, após ter acumulado experiência com a utilização da metodologia da História Oral, iniciei participação sistemática nos eventos regionais e nacionais promovidos pela Associação Brasileira de História Oral – ABHO, submetendo trabalhos aos referidos eventos. Posteriormente, com o avanço das pesquisas na linha de

Memória e Espaço, participei também de diversos eventos da ANPUH Nacional e Regional, inicialmente apenas com a apresentação de trabalhos e, a partir de 2004, na coordenação do *Simpósio Temático Memórias, Identidades e conflitos sociais*, juntamente com o Prof. Marco Aurélio Santana<sup>33</sup>.

Paralelamente ao projeto *Memória e História de Bairros do Rio de Janeiro*, desenvolvi durante sete anos uma pesquisa sobre a informação nas prisões, numa tentativa de investigar o papel e a natureza da informação na instituição prisional, instigada pelas leituras de Foucault sobretudo em *Vigiar e Punir: o nascimento das prisões*. Intitulado “Imagens da clausura: informação, memória e espaço prisional no Rio de Janeiro” (2003-2011), a pesquisa abordou o espaço prisional do Rio de Janeiro e analisou informações nele produzidas, lugar de segregação, considerando os aspectos de comunicação, socialização, bem como as diferentes maneiras com que os prisioneiros trocavam informações com o mundo exterior. O panóptico de Jeremy Bentham estava presente, inclusive na Casa de Correção da Corte, depois denominada Complexo da Frei Caneca, hoje totalmente demolido. Ficou demonstrado que o Brasil viveu essa experiência que, como todas as demais desenvolvidas em outros países, fracassou. Mas, deixou marcas na memória nacional. Foi possível identificar a existência de uma rede de informações criada por Eusébio de Queirós no século XIX.

Publiquei diversos trabalhos sobre o tema e os subtemas originários dessa pesquisa<sup>34</sup>, orientei pesquisas de iniciação científica, mestrado e, em 2015, tem início uma

---

<sup>33</sup> Em 2006 o Prof. Marco Aurélio Santana ingressou, por concurso, na UFRJ/IFCS.

<sup>34</sup> THIESEN, Icléia. Inteligência informacional: revisitando a informação na história. In: IX ENANCIB Diversidade cultural e políticas de informação, 2008, São Paulo. **Anais**. São Paulo: ANCIB / USP, 2008. v. 1. p. 1-15;

THIESEN, Icléia; [RIBEIRO, Leila Beatriz](#). Documenter, informer, marquer: le retour a un nouveau passé?. **Sciences de la Société**, Toulouse, v. 23, n.68, p. 151-159, 2006.

THIESEN, Icléia. A Casa de Correção da Corte e a fotografia identificatória. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 167, p. 179-198, 2006.

THIESEN, Icléia. A Informação no Oitocentos, Rio de Janeiro, Império do Brasil: notas à Memória Institucional. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 1-12, 2006.

THIESEN, Icléia. Identificar, classificar, (in)formar: dispositivos institucionais na Casa de Correção da Corte. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 1-9, 2005. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/fev05/>

THIESEN, Icléia. Relações de poder no espaço prisional: caricaturas do abismo. In: XXIII Simpósio Nacional de História: História: guerra e paz, 2005, Londrina. XXIII Simpósio Nacional de História: História: guerra e paz. **Anais**. Londrina: ANPUH, Universidade Estadual de Londrina, Editorial Mídia, 2005. v. XXIII. p. 1-8;

THIESEN, Icléia. Imagens da clausura e marcas de identidade: o corpo (in)formado pela prisão. In: XI Encontro Regional de História, 2005, Rio de Janeiro. XI Encontro Regional de História - Democracia e Conflito. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2004. v. XI. p. [1-10];

THIESEN, Icléia. Informação, Memória e Espaço Prisional no Rio de Janeiro. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, Brasília, v. 4, n.1, p. 1-13, 2003.

THIESEN, Icléia. O Jardim do crime sob o olhar de João do Rio: informação, memória e espaço prisional no Rio de Janeiro. In: V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - Informação Conhecimento e Transdisciplinaridade, 2003, Belo Horizonte. V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação -



pesquisa de doutorado, iniciada originalmente como iniciação científica<sup>35</sup>. Ao estudar a informação nas prisões, me deparei com uma memória conservada sobre a experiência prisional durante a Ditadura de 1964. Imagens da clausura nesse período vinham da história das prisões, sobretudo da Casa de Correção da Corte, mais tarde abrigando já como um conjunto de prisões denominado de Complexo da Frei Caneca, a Penitenciária Lemos Brito e a Penitenciária Milton Dias Moreira que, nesse período, abrigou presos políticos. Da mesma forma, o Instituto Penal Talavera Bruce, presídio feminino, assim como o DOI-CODI da rua Barão de Mesquita. Ao longo do tempo foram identificados outros espaços prisionais desse período, como a Ilha Grande, a Ilha das Flores e a Fortaleza de Santa Cruz. Todos foram objetos de estudo de alunos e orientandos do Curso de História, do Mestrado em Memória Social e do Mestrado em História. Em 2011, organizei uma coletânea com esses resultados de pesquisas<sup>36</sup>.

Em 2006, no âmbito do 52º ICA – International Congress of Americanists, organizei o simpósio temático “Memória, violência y protección de los derechos humanos en America”, em parceria com o Prof. Carlos Juárez Centeno, da Universidad Nacional de Córdoba, realizado de 17 a 21 de julho, na Universidad de Sevilla, Espanha. O evento contou com a presença de pesquisadores de diversas universidades latino-americanas cujos trabalhos foram publicados em CD nas línguas de origem dos participantes de cada país e foram divulgados durante o Congresso<sup>37</sup>. No referido Simpósio apresentei resultados parciais de minha pesquisa em “O controle do espaço e a administração do tempo na era da informação: rumo a novas formas de dominação”.

Estudar a informação na pré-história da Ciência da Informação foi uma imposição vinda do campo prisional e foi amadurecendo ao longo do tempo. Em 2006, após a publicação de artigo na revista *Sciences de la Société*, em número organizado por pesquisadores do LERASS, da Université Paul Sabatier, Toulouse 3, decidi realizar um projeto de pesquisa a ser desenvolvido como estágio de pós-doutorado sênior. A Profa. Regina Marteleto, em sua

---

Informação Conhecimento e Transdisciplinaridade - **Anais**. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. v. V. p. 1-11.

<sup>35</sup> Os principais temas foram a Secretaria de Polícia da Corte, o Instituto de Menores Artesãos, o Hospício Nacional de Alienados, a Marinha no século XIX, a Junta Central de Higiene Pública, o Corpo de Guardas Municipais Permanentes, o Gabinete de Identificação e Estatística, entre outros.

<sup>36</sup> THIESEN, Icléia (org.). **Imagens da clausura na Ditadura de 1964**: informação, memória e história. Prefácio de Maurice Politi. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

<sup>37</sup> THIESEN, Icléia; JUAREZ CENTENO, Carlos (orgs.). Memória, violencia y protección de los derechos humanos en America. **Anais** do Simpósio Memória, violencia y protección de los derechos humanos en America. In: 52º ICA Pueblos y Culturas de las Américas, Sevilla, 17-21 de julho de 2006, Universidad de Sevilla.

permanência na linha de pesquisa Memória e Espaço do PPGMS/UNIRIO, em 2006-2007, percebeu a pertinência de minhas ideias de pesquisa com o perfil das pesquisas desenvolvidas em Toulouse e fez o primeiro contato com a Profa. Viviane Couzinet que, de imediato, mostrou interesse pelo projeto<sup>38</sup>. Isto porque um dos eixos de investigação de sua equipe trata da teoria do documento e se inscreve em uma preocupação epistemológica. Da mesma forma se inscreve na concretização das trocas científicas iniciadas desde 2004 entre as duas pesquisadoras.

No estágio de Pós-doutoramento realizado em Toulouse (2007-2008), sob a supervisão de Viviane Couzinet, tentei focalizar a interdisciplinaridade da Ciência da Informação, as disciplinas que estão em sua base de formação e as aproximações e separações que ora se estabelecem entre os campos que buscam uma identidade própria, vale dizer, a Ciência da Informação, a Biblioteconomia e a Arquivologia, no pressuposto de que a dinâmica do conhecimento requer constantes atualizações nesses mesmos campos. A configuração de um sistema de informação de natureza identificatória, de vigilância e controle, tornava-se evidente. Essa constatação me levou a buscar os nexos explicativos para a informação enquanto elemento fundamental na corte do Império no Brasil. A obra de Robert Boure<sup>39</sup> ajudou a perceber que era preciso conhecer a pré-história da Ciência da Informação no Brasil. Durante o ano acadêmico do estágio participei de diversas atividades do LERASS, como “reuniões da equipe, discussões com a supervisora e sua equipe, mas também realizei coleta de dados em diversas bibliotecas e arquivos, visitas a instituições carcerais, à Biblioteca Nacional em Paris, bem como de defesas de teses e de HDR em Ciência da Informação e da Comunicação”<sup>40</sup>.

Durante o período do referido estágio estava em andamento o processo de definição e formação da Rede Franco-Brasileira de Pesquisadores em Mediações e Usos Sociais dos Saberes e Informação – Rede MUSSI, uma parceria entre a França e o Brasil, tendo na coordenação dos trabalhos as Profas. Regina Marteleto, pelo Brasil, e Viviane Couzinet, pela França. A ideia é de fortalecer e consolidar laços que já vinham se esboçando, desde 2004,

---

<sup>38</sup> THIESEN, Icléia. **La conception de l'information dans le contexte politique social au XIX<sup>e</sup> siècle à Rio de Janeiro** : éléments pour la mémoire institutionnelle et la préhistoire de la Science de l'Information. Projet de recherche conduit au LERASS, à l'Université Paul Sabatier, Toulouse 3. Toulouse, 2007-2008. Appui d'une bourse CAPES.

<sup>39</sup> BOURE, Robert (ed.). **Les origines des Sciences de l'Information et de la communication** : regards croisés. Villeneuve d'Ascq (Nord) : Presses Universitaires du Septentrion, 2002.

<sup>40</sup> THIESEN, Icléia. **Représentation de l'information dans le contexte politique et social, au XIX<sup>e</sup> siècle, à Rio de Janeiro** : éléments pour la mémoire institutionnelle et contribution à une préhistoire de la Science de l'Information. Rapport de recherche fait à Toulouse, 2007-2008. 164p.

“com o trânsito de pesquisadores e estudantes de laboratórios de pesquisa dos dois países em conferências, cursos, colóquios, visitas, estágios de pós-doutorado, publicações e outras atividades.” (MARTELETO; COUZINET: 2008, p.23). Minha pesquisa de pós-doutoramento inseriu-se nesse contexto.

Trabalhei no Comitê Científico do I Colóquio Científico Internacional da Rede MUSSI realizado no Brasil, em 2008, tendo também organizado, juntamente com a Profa. Regina Marteleto, os Anais do evento<sup>41</sup>. Na ocasião, coordenei a mesa redonda “Informação e teoria social: domínios de interface, transdisciplinaridade, migração e apropriação de conceitos”. Venho participando sistematicamente dos eventos da Rede, na França e no Brasil. Os Colóquios se alternam com as Jornadas científicas internacionais que constituem “espaços de debate levando em conta aspectos culturais, sociais, educativos, científicos e econômicos diferenciados dos dois países parceiros e de confrontá-los com trabalhos de pesquisadores de outros países” (COUZINET; MARTELETO: 2010, p.13). A 1ª Jornada ocorreu em 2010, em Avignon. Sou representante da Rede, desde 2008, assim como a Profa. Marta Kerr Pinheiro (UFMG), sob a coordenação das Profas. Viviane Couzinet e Regina Marteleto.

Em 2012, realizou-se no Brasil a 2ª. Jornada, com o tema “Redes e processos infocomunicacionais: mediações, memórias, apropriações”. Integrei o Comitê Científico e participei da organização dos Anais<sup>42</sup>. O III Colóquio da Rede MUSSI foi realizado, em 2014, na Universidade Federal da Bahia e teve como tema “As transformações do documento no espaço-tempo do conhecimento”. Integrei o Comitê Científico do evento e apresentei minha pesquisa na mesa redonda “Documento: origens históricas e processos de validação”, com o trabalho intitulado “Documentos sensíveis: da produção à validação”.

Com o projeto intitulado “A informação na pré-história da Ciência da Informação: pré-conceito, natureza, episteme”, amadurecido durante o estágio de pós-doutoramento, submetido ao CNPq, obtive bolsa de produtividade (PQ-2), cuja pesquisa foi desenvolvida no período de 2009-2012 e tinha por objetivo geral identificar, caracterizar e analisar elementos pré-conceituais (ou pré-saberes) que tenham contribuído para a formação de um saber próprio

---

<sup>41</sup> MARTELETO, Regina; THIESEN, Icléia (orgs.). I Colóquio Mediações e Usos de Saberes e Informação. **Anais** do I Colóquio Mediações e usos de saberes e informação: um diálogo França-Brasil. Rio de Janeiro: Rede MUSSI, 2008. 633p.

<sup>42</sup> MARTELETO, Regina; THIESEN, Icléia; FERNANDES, Geni Chaves; SALDANHA, Gustavo Silva. 2ª Jornada Científica Internacional da Rede MUSSI - Redes e processos infocomunicacionais: mediações, memórias, apropriações. **Anais** da 2ª Jornada Científica Internacional da Rede MUSSI - Redes e processos infocomunicacionais: mediações, memórias, apropriações. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012. 465p.

da Ciência da Informação, anteriores à sua institucionalização na década de 1960. Tais pré-saberes constituiriam as condições de possibilidade de sua emergência.

Era de meu interesse, ainda, historicizar os acontecimentos, conhecimentos e elementos pré-conceituais que antecederam a formação de um saber sobre a informação, em áreas do conhecimento tais como a Ciência da Informação, a Bibliografia, a Documentação, a Biblioteconomia, a Comunicação, a Organização do Conhecimento, a Epistemologia, a História, o Direito, entre outras. Como ponto de partida, estabelecemos um diálogo entre as ideias de Michel Foucault e Bernd Frohmann, para a melhor compreensão dos mecanismos através dos quais a informação adentra no palco das discussões do século XIX, no Rio de Janeiro, para inscrever-se em um sistema de informações mediadas pelas instituições do Estado: da prisão, à polícia, ao aparelho judiciário. Trata-se de uma concepção de informação de natureza pública, social e jurídica, com o propósito de subsidiar decisões da elite dirigente tendo, por conseguinte, valor de inteligência.

Do presente ao passado, tais alianças estão registradas na história e na pré-história dessas disciplinas. Do presente ao futuro o campo de possibilidades está aberto e visível nas tendências de autonomia que se avizinham. Os marcos institucionais que tornaram possível a institucionalização desses saberes vem sendo estudados ao longo das últimas décadas, mas ainda é necessário realizar pesquisas mais verticais que evidenciem as alianças, os conflitos, mas também as noções, ideias e competências definidoras de identidades e da formação de novos territórios da ciência. A coordenação do Grupo de Trabalho “Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação” (2011-2012; 2013-2014), da ANCIB, já mencionada anteriormente, contribuiu bastante para a compreensão dessas tendências do campo<sup>43</sup>.

No mesmo espírito de análise das relações disciplinares entre áreas do conhecimento, participei do MAST Colloquia de 2009, com o trabalho intitulado “Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaços de produção de conhecimento”, posteriormente publicado no volume 11, “Museu e Museologia: interfaces e perspectivas”.

Ao retornar do estágio de pós-doutorado, em Toulouse, o Departamento de História havia iniciado o Mestrado em História das Instituições (hoje História Social), à época recém-credenciado pela CAPES, do qual participo desde o início até hoje, atuando na linha de pesquisa “Cultura, Poder e Representações”, onde orientei seis dissertações e oriento duas

---

<sup>43</sup> Agradeço a Profa. Lídia Freitas que coordenou comigo o GT1 no período de 2013-2014, uma excelente parceria!

teses. Venho ministrando, ainda, Seminário de Pesquisa obrigatório para os alunos da linha de pesquisa “Cultura, Poder e Representações”. No período de 2008 a 2010 fui vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), na gestão da Profa. Keila Grinberg.

Por razões de ordem pessoal, desliguei-me do Programa de Memória Social, em 2008, após dez anos de atividades<sup>44</sup>. Além de ter desenvolvido nesse Programa diversas pesquisas já mencionadas, criei também o Laboratório de História oral, Informação e Documentação (LAHODOC), espaço de integração das pesquisas da linha de Memória e Espaço, que contava com a presença de alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado, professores de outras universidades, visitantes, etc. No referido Programa orientei trinta e quatro dissertações (cinco como co-orientadora) e três teses (uma como co-orientadora), tema que desenvolverei mais adiante.

Em 2011, o Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos (DEPB) obteve o credenciamento para implementar o Mestrado Profissional em Biblioteconomia, que iniciou suas atividades em 2012. Venho participando do Mestrado, como professora e orientadora de algumas dissertações, na linha de pesquisa “Organização e Representação do Conhecimento”. Além dessas atividades, integro a Comissão Coordenadora desde o início do Curso. Ministrei a disciplina obrigatória Métodos e Técnicas de Pesquisa, em 2012. Orientei uma dissertação, em fase de defesa, intitulada “Processos de formação do acervo da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes e seu uso como material didático”, de Rosani Parada Godoy.

É possível perceber, a partir do olhar voltado ao passado, que minha trajetória está marcada pela interdisciplinaridade, nos campos da Biblioteconomia, da Museologia, da Arquivologia, da História e da Memória Social. No decorrer dos anos venho trabalhando na avaliação de projetos e artigos submetidos a diferentes revistas, onde vez por outra também publico resultados de minhas pesquisas. Orientei diversas pesquisas nesses mesmos campos do saber. Possivelmente isso se deve a minha dupla formação, mas também à experiência adquirida ao longo do tempo. Na realidade, é um exercício permanente que visa não perder o foco na área de História, onde se encontram alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado, nem no campo de estudos da Ciência da Informação, lócus das pesquisas que desenvolvo e área de minha formação e atuação no campo da pesquisa. Uma estratégia

---

<sup>44</sup> O efetivo desligamento deu-se apenas em 2010, quando da titulação dos últimos orientandos sob a minha responsabilidade.

definida no sentido de equalizar e respeitar diferentes interesses diz respeito à obrigatoriedade desses alunos definirem, em seus projetos, ao menos um objetivo mais próximo da informação e da Ciência da Informação. Os resultados têm sido quase sempre positivos.

Aqui chego ao tema da minha pesquisa atual, que venho apresentando e publicando, desde 2012, quando submeti ao CNPq o projeto “Entre informar, reter e conhecer: um estudo teórico-metodológico sobre documentos sensíveis em instituições arquivísticas”. Trata-se dos **documentos sensíveis**, produzidos em regimes de exceção. A pesquisa tem por objetivo geral caracterizar e analisar tais documentos, com seus atributos, suas contradições, suas lacunas, mas especialmente as implicações que representam quando manuseados enquanto fontes de informação para a pesquisa. A ideia é contribuir para elucidar aspectos relevantes da teoria da informação, na oportunidade da (re)definição da legislação de acesso à informação e da instituição da Comissão Nacional da Verdade. Outro objetivo mais específico é analisar o circuito informacional nos processos de produção, circulação e apropriação da informação por setores da sociedade, assim como as instituições que integraram o regime e produziram informações sobre ele. Conhecer esse circuito significa compreender o funcionamento das instituições que formaram a base de sustentação do regime e, por via de consequência, elucidar a caracterização dos documentos produzidos nas respectivas atividades. Foram produzidas 11 (onze) entrevistas de História oral obedecendo ao perfil definido no projeto, ou seja, ex-prisioneiros políticos, advogados que os defenderam e funcionários que tenham trabalhado em arquivos da repressão. Importante assinalar que o LAHODOC, ao longo do tempo, realizou 63 (sessenta e três) entrevistas com ex-militantes no âmbito de monografias e dissertações, sob a minha orientação.

A equipe do projeto é composta de alunos de graduação em iniciação científica, ex-alunos que defenderam monografias sobre o tema, mestrandos e doutorandos, mestres e doutores, além de professores de outras universidades. Em comum todos os integrantes da pesquisa desenvolvem pesquisas que abordam aspectos ligados aos documentos sensíveis<sup>45</sup>.

Durante a realização do presente Memorial percebo que nunca me afastei do tema da memória institucional. Ao me debruçar sobre os documentos produzidos na Ditadura de 1964,

---

<sup>45</sup> A equipe é assim formada: Profa. Goergete Medleg Rodrigues (UnB); Profa. Shirley Carvalhêdo Franco (UnB); Profa. Maria Manuela Alves Maia (Mackenzie Rio); Prof. João Marcus Figueiredo Assis (UNIRIO); Prof. Ricardo Pimenta (IBICT). Doutorandos: Thiago de Souza Reis (PPGH); Bruno Duarte Rei (PPGH); Alejandra Estevez (pós-doutoranda, CPDOC); Priscila Cabral Almeida, Angélica do Carmo Coitinho e Rafaella Bettamio (doutorandas, CPDOC); Mestres: Andrea Siqueira Forti; André Luis de Almeida Patrasso; Maria Fernanda Magalhães Scelza; Sergio Miranda de Lima; Fabiana Bandeira. Mariana da Hora Alves, Mestranda da Fiocruz; André Luis Cardoso Azoubel Zulli, graduado em História, ex-bolsista de iniciação científica; Ronaldo Cordeiro de Oliveira, Técnico do Lahodoc.

estou analisando um conjunto de instituições de vigilância e punição, que formaram o chamado SISNI – Sistema de Informações e Contra-Informações. Nesse processo, tenho participado de eventos científicos onde apresento resultados parciais da pesquisa que geraram algumas publicações<sup>46</sup>.

Em 2013 fui convidada pelo Prof. Raimundo Nonato Macedo dos Santos, coordenador do PPGCI/UFPE a dar a aula inaugural do Programa, ocasião em que abordei o tema sobre os documentos sensíveis. Na parte da tarde, a convite da coordenação do Programa, fiz uma palestra sobre Memória Institucional, uma vez que há uma linha de pesquisa sobre memória à época sendo redefinida. O corpo docente e os alunos da pós-graduação mostraram interesse em conhecer melhor a construção da pesquisa e seus desdobramentos. Em consequência desse encontro e em tratativas com a Universidade Federal da Paraíba, cujo Programa de Pós-Graduação também discute o tema da memória, as duas

---

<sup>46</sup> THIESEN, Icléia. Documentos 'sensíveis': produção, retenção, apropriação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 6, p. 1-15, 2013.

THIESEN, Icléia (Org.). **Documentos sensíveis: informação, arquivo e verdade na Ditadura de 1964**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. v. 1. 341p.

THIESEN, Icléia; COITINHO, Angélica do Carmo. BNM e BNM Digit@l: arquivo, memória e verdade - o caso Chael. In: Icléia Thiesen. (Org.). **Documentos sensíveis: informação, arquivo e verdade na Ditadura de 1964**. Prefácio de Nilo Batista. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, v. 1, p. 85-104.

THIESEN, Icléia. Documentos "sensíveis" entre a memória institucional e a memória vivida: a verdade (im)possível. In: MÜLLER, Angélica; STAMPA, Inez; SANTANA, Marco Aurélio. (Org.). **Documentar a ditadura: arquivos da repressão e da resistência**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2014, v. 1, p. 233-247.

THIESEN, Icléia. Documentos sensíveis: da produção à validação. In: III Colóquio Internacional da Rede MUSSI: As transformações do documento no espaço-tempo do conhecimento, 2014, Salvador. **Anais do III Colóquio Internacional da Rede MUSSI As transformações do documento no espaço-tempo do conhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2014. v. 3. p. 78-96.

THIESEN, Icléia. Informação, verdade e conhecimento: memórias em litígio. In: XIV ENANCIB Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação Informação e interação: ampliando perspectivas para o desenvolvimento humano, 2013, Florianópolis. **Anais do XIV ENANCIB Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação Informação e interação: ampliando perspectivas para o desenvolvimento humano**. Florianópolis: ANCIB / UFSC, 2013. v. xiv. p. 1-1

THIESEN, Icléia. Documentos 'sensíveis', arquivos 'sensíveis': nem tesouros, nem miragens. In: XIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação 'A informação na sociedade em rede para a inovação e o desenvolvimento humanos', 2012, Rio de Janeiro. **Anais do XIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação "A informação na sociedade em rede para a inovação e o desenvolvimento humanos"**. Rio de Janeiro: ANCIB, 2012. v. XIII. p. 1-15.

BARCELOS, Thatiana Amaral de; THIESEN, Icléia. 'Brasil Mês a Mês na Imprensa: a circulação de informação entre exilados brasileiros. In: XIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação 'A informação na sociedade em rede para a inovação e o desenvolvimento humanos', 2012, Rio de Janeiro. **Anais do XIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação "A informação na sociedade em rede para a inovação e o desenvolvimento humanos"**. Rio de Janeiro: ANCIB, 2012. v. XIII. p. 1-20.

THIESEN, Icléia; [PIMENTA, Ricardo Medeiros](#). Informação, arquivo e memória: os documentos da Ditadura militar no contexto da redemocratização no Brasil. In: 2e Colloque international du Réseau MUSSI Médiations et hybridations: construction sociale des savoirs et de l'information, 2011, Toulouse. **Actes du 2e Colloque scientifique international du Réseau MUSSI Médiations et hybridations: construction sociale des savoirs et de l'information**. Toulouse: Université de Toulouse 3 - IUT, 2011. v. 2. p. 229-243.

THIESEN, Icléia. Documento "sensível" e informação (in)acessível? In: XII ENANCIB Políticas de Informação para a sociedade, 2011, Brasília. **Anais do XII ENANCIB Políticas de Informação para a sociedade**. Brasília, DF: UnB, 2011. v. 12. p. 226-239.

instituições promoveram a publicação da minha tese, defendida em 1997. A Editora da UFPB submeteu-a à Comissão Editorial e, em final de 2013 a tese foi publicada, contando com a participação da Profa. Maria Nélide González de Gómez como prefaciadora, o que significou a realização completa de um antigo sonho. Compareci ao lançamento do livro, na UFPB, quando fiz uma conferência que marcava também o final da gestão da Profa. Bernardina Freire de Oliveira. Na oportunidade tratei do processo que me levou ao tema da memória institucional, no sentido de mostrar ao público de onde nascem as ideias e como elas se desenvolvem.

No ano seguinte, a convite do PPGCI/UFPE, realizei uma Oficina de Memória para alunos e professores do PPGCI, introduzindo conceitos e discussões sobre as diversas abordagens da teoria da memória. Muito gratificante essa parceria que “resgatou” uma pesquisa após 16 anos de finalização e revelou a consolidação da memória no campo da informação, confirmando de certa forma lição ensinada por Michel Foucault, em “A verdade e as formas jurídicas”, citada a seguir:

O conhecimento é sempre uma certa relação estratégica em que o homem se encontra situado. É essa relação estratégica que vai definir o efeito de conhecimento e por isso seria totalmente contraditório imaginar um conhecimento que não fosse em sua natureza obrigatoriamente parcial, oblíquo, perspectivo. (...) Pode-se falar do caráter perspectivo do conhecimento porque há batalha e porque o conhecimento é o efeito dessa batalha. (FOUCAULT: 1996, p.25)

O Arquivo Nacional, através dos trabalhos desenvolvidos pela Comissão de Altos Estudos Memórias Reveladas, da qual faço parte, desde 2012, já estimou em cerca de 16 milhões de documentos, sabendo que detém apenas 20% do que foi efetivamente produzido. Para entender tudo isso, é preciso antes ou junto compreender o funcionamento do regime, a cadeia de comando, o fluxo informacional e as formas de recuperação de informação. Hoje se sabe, após os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, das Comissões Estaduais da Verdade, aliados às pesquisas que vem sendo desenvolvidas há anos por historiadores, sociólogos e cientistas políticos, que essa hiperprodução documental é o reflexo das práticas institucionais dos governos militares que, apenas nos primeiros meses de 1964, prenderam cerca de 50.000 pessoas. O SISNI – Sistema Nacional de Informação e Contra-Informação, integrado por inúmeras instituições, também explica a dimensão gigantesca dessa documentação.

Após quase quatro anos de atividades de pesquisa, já é possível vislumbrar o tema do próximo projeto que sucederá o estudo dos documentos sensíveis que, de alguma forma,



retornarão como objeto, mas com outra problemática – “Documentos sensíveis – da produção à recuperação de informações: um estudo quali-quantitativo da documentação da Ditadura de 1964 no Brasil”.

Ao finalizar as páginas deste Memorial, quero destacar o que considero a razão de ser do ensino associado à pesquisa nas universidades, vale dizer, a formação de recursos humanos. Não poderia, entretanto, referir-me a todos que orientei nas diversas etapas da carreira universitária, mas gostaria de ressaltar alguns casos que considero emblemáticos. São ex-alunos que se formaram e conquistaram espaço em projetos de vida. Muitos começaram ainda na iniciação científica, outros na graduação, avançando à medida que oportunidades surgiram e foram abraçadas.

Joice de Souza Soares foi minha bolsista de iniciação científica, na mesma ocasião em que seus colegas de turma André Luís Patrasso e Douglas de Araújo Braga. Vinculados à pesquisa “A informação na pré-história da Ciência da Informação: pré-conceito, natureza, episteme”, dedicaram-se às leituras e seminários quinzenais que fazíamos no Lahodoc. Apresentaram trabalhos em diversos eventos científicos e se destacaram pela capacidade de articulação de ideias. Seus relatórios de iniciação científica foram bastante informativos e serviram de base para as respectivas monografias, defendidas e avaliadas por bancas integradas por professores doutores. Joice estuda, desde então, a polícia no Império. Foi minha orientanda de mestrado e hoje inicia o doutorado sob a minha orientação, aos 25 anos. Foi aprovada em diversos concursos públicos, na UNIRIO, no CEFET, no Pedro II e no IBGE, trabalhando hoje na Escola Nacional de Ciências Estatísticas- ENCE. André e Douglas concluíram mestrado na Fiocruz, e se classificaram em 1º e em 2º lugares no processo seletivo. Já são mestres. André estudou o Gabinete de Identificação e Estatística (hoje Instituto Felix Pacheco) e Douglas abordou a questão da minoridade, no Instituto de Menores Artesãos que funcionou alguns anos na Casa de Correção da Corte.

Artur Bento é natural de Cabo Verde e desenvolveu seus estudos no Brasil, desde a graduação em Psicologia na Universidade Gama Filho. Apesar de ter se deparado sempre com muitas dificuldades materiais, jamais desistiu de estudar. cursou o Mestrado em Memória Social e Documento e, em seguida, o doutorado no PPGMS, desta vez sob a minha orientação. Obteve bolsa da FAPERJ, cota para Programas novos, tendo se esforçado muito para realizar a pesquisa sobre imigração cabo-verdiana no Brasil, o que lhe trouxe como importante retorno o prêmio de melhor tese auferido pela FAPERJ, em 2010. Extremamente esforçado, Artur participou de diversos eventos científicos. Sua tese despertou interesse da

Profa. Giralda Seyferth, do Museu Nacional, autoridade respeitada em estudos sobre imigração, presente em sua banca. Incentivado a buscar a continuidade dos estudos, realizou estágio de pós-doutorado no Museu Nacional sob a sua supervisão.

Débora de Almeida Rodrigues é museóloga, portadora de baixa visão, com domínio de todas as questões sobre acessibilidade, tendo desenvolvido diversos projetos sobre o tema. Foi minha orientanda no Mestrado em Memória Social e Documento, onde estudou “Memória e identidade coletiva no Instituto Benjamin Constant”, titulada em 2005. Após inúmeras tentativas de se colocar no mercado de trabalho através de concursos públicos, ingressou na Escola de Serviço Social da UFRJ e, em 2012, ingressou no Doutorado em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS), em convênio da UNIRIO com o MAST. Dessa vez tratou do “Processo de institucionalização do Museu do Instituto Benjamin Constant: presenças e ausências”. Convidada para co-orientar sua tese, por seu orientador Prof. Marcus Granato, tive a satisfação de vivenciar seu esforço e competência na realização da 1ª tese em Museologia do Brasil. Grande vitória e enorme contribuição para o IBC, instituição que a acolheu aos quatro anos de idade e da qual nunca se desligou, realizando trabalho voluntário.

João Marcus Figueiredo Assis, Anna Carla de Almeida Mariz e Flávio Leal da Silva foram meus orientandos de mestrado em anos diferentes. Anna Carla era remanescente do antigo Mestrado em Administração de Centros Culturais, sucedido pelo de Memória Social e Documento, conforme mencionado anteriormente. Sua dissertação foi orientada no sentido de inserir-se no novo mestrado nas fronteiras da memória e do documento. Flávio estudou “Memória, arquivo e fragmentação: o caso do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz” titulando-se em 1999. Já Anna Carla abordou um tema novo em 1997 e atual em 2015 – o correio eletrônico e seu impacto na formação dos arquivos empresariais. Ambos têm formação em Arquivologia e se graduaram na UNIRIO. Seguiram os estudos do Doutorado, Flávio na Memória Social e Anna Carla na Ciência da Informação.

João Marcus estudou as “Comunidades Eclesiais de Base: estratégias de construção e de organização da memória e do espaço social” e teve a co-orientação do Prof. José Mauro Matheus Loureiro. Titulou-se em 2002 e, em pouco tempo, ingressou no Doutorado em Ciências Sociais da UERJ. Com formação em Arquivologia, graduado na UNIRIO, decidiu reingressar na graduação e recentemente terminou o curso de Ciências Sociais.

Marcio Rangel e Alejandra Saladino são museólogos formados na UNIRIO e foram meus orientandos no Mestrado em Memória Social e Documento. Márcio estudou “A formação do acervo do Museu Histórico da Cidade: caos e memória”, titulando-se em 2000.

Pouco tempo depois ingressou no Doutorado em História das Ciências da Fiocruz, finalizado em 2006. É pesquisador do MAST e bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq). Alejandra estudou os “Lugares e práticas de reconstrução da memória da aviação no Brasil: grupos, acervos e celebrações”, titulando-se em 2004. Concluiu o Doutorado em Ciências Sociais da UERJ em 2010. Todos são professores da UNIRIO, de onde partiram! De alguma maneira essa também é a minha história, iniciada no Curso de Museus que hoje se encontra, como eu, na UNIRIO.

Rio de Janeiro, 20 de maio de 2015.

Icléia Thiesen